



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

DEVIDE EDUARDO DE SOUZA GOMES

VOZES DO EXCESSO:

**A INFODEMIA E A CRISTALIZAÇÃO DA IMPRENSA NA SOBRECARGA DE
INFORMAÇÕES NA MODERNIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

DEIVIDE EDUARDO DE SOUZA GOMES

VOZES DO EXCESSO:

**A INFODEMIA E A CRISTALIZAÇÃO DA IMPRENSA NA SOBRECARGA DE
INFORMAÇÕES NA MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ada Kesea Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633v Gomes, Deivide Eduardo de Souza.

Voices do excesso: a infodemia e a cristalização da imprensa na sobrecarga de informações na modernidade. [manuscrito] / Deivide Eduardo de Souza Gomes. - 2024.

30 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Infodemia. 2. Imprensa. 3. Modernidade. 4. Acontecimento discursivo. I. Título

21. ed. CDD 070.4

DEIVIDE EDUARDO DE SOUZA GOMES

VOZES DO EXCESSO:

A INFODEMIA E A CRISTALIZAÇÃO DA IMPRENSA NA SOBRECARGA DE
INFORMAÇÕES NA MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento de Comunicação
Social (DECOM) do Curso de
Bacharelado em Jornalismo da
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB), como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Aprovada em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael de Araújo Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jussara Carneiro Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que, destituídos por outrem da liberdade de existir, não desistem de ser como são, DEDICO.

“(...) Uma vez que os homens nascidos antes de mim tomaram todos os temas úteis e necessários, farei como aquele que, por pobreza, chega por último à feira e, não podendo prover-se de outra forma, adquire as coisas vistas pelos outros e recusadas por seu escasso valor. Nesta mercadoria menosprezada, recusada e proveniente de muitos fornecedores, investirei meu último pecúlio e desta maneira irei, não pelas grandes cidades, mas pelas pobres aldeias, distribuindo e recebendo o preço que merece o que dou” – Leonardo Da Vinci, 1944”.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	10
3	UMA NOVA BABEL.....	11
3.1	Infodemia: epidemia ou acontecimento discursivo?.....	11
3.2	Uma cacofonia info-comunicacional.....	15
3.3	A imprensa no (euro)centro das atenções.....	17
3.3.1	<i>O silenciamento sob o qual deriva o excesso</i>	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26
	AGRADECIMENTOS.....	30

VOZES DO EXCESSO: A INFODEMIA E A CRISTALIZAÇÃO DA IMPRENSA NA SOBRECARGA DE INFORMAÇÕES NA MODERNIDADE

VOICES OF EXCESS: THE INFODEMIC AND THE CRYSTALLIZATION OF THE PRESS IN INFORMATION OVERLOAD IN MODERNITY

Deivide Eduardo de Souza Gomes*

RESUMO

Ao longo dos séculos a sobrecarga de informações se constitui na literatura científica como um problema de ordem informacional e comunicacional. Nas últimas décadas, especialmente com o cenário da pandemia de covid-19, este fenômeno tem sido fortemente articulado à perspectiva da saúde, sob a égide da infodemia que a toma como uma epidemia de informações. Ou seja, uma quantidade robusta de informações, confiáveis ou não, possuidora de alta capacidade de circulação na sociedade, tal como ocorre com a propagação de doenças infecciosas virais. Contudo, os enunciados que se organizam a partir da modernidade nos mobilizam a pensar sobre o papel da imprensa na emergência deste fenômeno já que, a partir destes imbricamentos a imprensa é tomada na modernidade por reorientações históricas que tomam a perspectiva europeia como irradiadora cultural da época. Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a infodemia não apenas como uma epidemia de informações, mas como um acontecimento discursivo que trata do desenvolvimento da imprensa como gênese ou, pelo menos, como protagonista da circulação de informações nas sociedades modernas europeias, período assinalado pelo desenvolvimento de novos métodos de investigação de fenômenos e pela formatação de uma nova visão científica que defrontava modelos já postos à época. Esforçamo-nos, pois, em utilizar a Análise do Discurso, com perspectivas arqueológicas (Foucault, 2008), como ferramenta analítica que orientou a busca por vestígios significativos na reflexão do acontecimento discursivo posto à mesa. Aponta-se, entre os principais resultados, que a imprensa não foi apenas um marco basilar para a sobrecarga de informações que emerge na modernidade mas que, o grande volume de informações que séculos depois se constituiria pela noção de infodemia, se deu pela preocupação em endereçar fatos históricos em benefício de identidades nacionais que ali também se organizavam, sendo o desenvolvimento da imprensa uma estratégia moderna para a circulação de informações e de conhecimentos de uma nova construção de saberes que se instituiria na modernidade. Mostrou-se que o discurso científico atual do qual se organiza a infodemia toma a imprensa a partir de uma produção de saberes desenvolvidos através de grandes continuidades culturais confinadas na natureza euro/ocidentalocêntrica do conhecimento.

Palavras-chave: Infodemia. Imprensa. Modernidade. Acontecimento discursivo.

*Graduando do Curso de Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Membro do Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais (NINETS/UEPB); membro do Laboratório de Ciências e Tecnologia em Saúde (LCTS/UEPB); membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Desenvolvimento (UEPB). E-mail: deivide.edu@gmail.com

ABSTRACT

Throughout the centuries, information overload has been a recognized issue in scientific literature concerning informational and communicational aspects. In recent decades, especially with the COVID-19 pandemic, this phenomenon has become closely linked to the perspective of health, under the concept of infodemic, which views it as an epidemic of information. In other words, it refers to a substantial quantity of information, whether reliable or not, possessing a high capacity for circulation in society, much like the spread of viral infectious diseases. However, the statements that emerge from modernity prompt us to consider the role of the press in the emergence of this phenomenon. In modernity, the press has undergone historical reorientations that perceive the European perspective as the cultural influencer of that era. Therefore, this research aims to analyze the infodemic not only as an epidemic of information but also as a discursive event that deals with the development of the press as the genesis or at least the protagonist of information dissemination in modern European societies. This period is characterized by the development of new methods for investigating phenomena and the shaping of a new scientific vision that challenged existing models at the time. We make an effort to utilize Discourse Analysis with archaeological perspectives (FOUCAULT, 2008), as an analytical tool that guides the search for significant traces in the reflection of the discursive event under discussion. Among the main findings, it is pointed out that the press was not just a foundational milestone for the information overload that emerged in modernity. Rather, the substantial volume of information that centuries later would be characterized as an infodemic was driven by the concern to address historical facts for the benefit of national identities being formed at that time. The development of the press was a modern strategy for the circulation of information and knowledge, contributing to the construction of new knowledge that would be established in modernity. It has been demonstrated that the current scientific discourse, which organizes the concept of the infodemic, views the press as a production of knowledge developed through significant cultural continuities confined to the Eurocentric/Western nature of knowledge.

Keywords: Infodemic. Press. Modernity. Discourse Analysis.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos encontramos registros na literatura científica que demonstram a sobrecarga de informações como um problema de ordem informacional e comunicacional. Contudo, nas últimas décadas, e mais notadamente com o cenário da pandemia de covid-19¹, este fenômeno tem sido articulado na perspectiva da saúde, sob a égide da infodemia. A sua compreensão tem se fundamentado em posições análogas a de uma epidemia: em linhas gerais, trata-se de uma quantidade robusta, uma sobrecarga de informações que podem ser confiáveis ou não, e que possuem alta capacidade de circulação na sociedade, tal como a capacidade de propagação de doenças infecciosas virais. A informação na qual a infodemia se remete tem sido bastante relacionada – especialmente no campo da saúde – aos modos pelos quais o conhecimento científico e questões relacionadas a ele tem circulado na sociedade.

Ao nos atentarmos para os enunciados que sustentam tais discursos científicos, naquilo que foi assimilado na atualidade por infodemia, nos deparamos com uma estrutura assentada em grandes continuidades culturais do conhecimento, por vezes confinadas na natureza ocidentalocêntrica que ancoram até mesmo a gênese da própria infodemia. É no tensionamento dessa discussão que investimos olhares – até o momento pouco convencionais – sobre o papel da imprensa na Europa Moderna naquilo que séculos depois se constituiria nos campos da comunicação, da informação e da saúde como infodemia. Neste sentido, fazemos a reflexão, nos moldes possíveis para esta pesquisa, sobre os atuais caminhos que tratam do desenvolvimento da imprensa como gênese ou pelo menos como protagonista da circulação de informações nas sociedades modernas europeias, período assinalado pelo desenvolvimento de novos métodos de investigação de fenômenos e pela formatação de uma nova visão científica que defrontava modelos já postos à época.

A construção do conhecimento científico, instituído na atualidade desta pesquisa, emerge de visões europeias fundadas de uma razão puramente dominante. Este pensamento se estabeleceu além do tempo e das fronteiras dos Estados Modernos Nacionais pelo domínio imperialista, a exemplo dos centros europeus e dos Estados Unidos, que desconsiderou – em muitas instâncias e sentidos – outras formas de produção e circulação de conhecimento. Assim, ainda que esta pesquisa esteja norteada por um recorte histórico no qual o pensamento eurocêntrico se fazia presente, optamos por considerar a questão ocidentalocêntrica para sinalizar “um estado permanente de crítica e tensionamento a esta hegemonia ideológica e epistemológica da colonialidade/modernidade, no sentido de desconstruir seus cânones provocadores da violência colonial/moderna/capitalista” (Silva 2021, p. 296).

¹ De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, órgão de saúde das Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), a trajetória da doença se inicia em 31 de dezembro de 2019, quando a OMS “foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos” (OPAS, 2020, on-line). Já no dia 30 de janeiro de 2020, “a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional [...]. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de Covid-19 em vários países e regiões do mundo” (OPAS, 2020, on-line).

À medida que desenvolvemos a nossa análise também explicitamos algumas provocações, a exemplo da promoção sobre a concepção moderna de racismo como uma questão norteadora de silêncios e silenciamentos existentes nos discursos filosóficos e científicos que perpassam e nos afetam, até os dias de nosso tempo; e questões contemporâneas sobre a difusão do conhecimento no mundo que cercam a noção de infodemia e que se mostram parcas quando a imprensa é retratada em tais discursos. Para uma incursão teórica que faça jus às provocações deste estudo, assimilamos nesta pesquisa a infodemia não apenas como uma epidemia de informações, mas, sobremaneira, como um acontecimento discursivo capaz de estabelecer em relações de poder na modernidade, que foi instituído em práticas discursivas da ciência que reforçam o desenvolvimento de uma imprensa por vezes dissociadas da produção e circulação de discursos científicos que moldam a sociedade e exercem relações de poder pelos silenciamentos, pela normalização e pela exclusão. Assim, entre os limiares da memória institucional e daquela fundada no esquecimento é que nós alocamos nossa questão central: de que forma a infodemia, enquanto acontecimento discursivo, toma a imprensa de Gutenberg como protagonista da circulação de informações na emersão das sociedades modernas?

Neste caminhar, analisamos discursos científicos da atualidade que nos mobilizam a pensar sobre a cristalização da imprensa na modernidade pautada por reorientações históricas que tomam a perspectiva europeia como irradiador cultural da época. Lançamo-nos, portanto, e de modo germinal, sobre uma formação ideológica assinalada pela produção de esvaziamentos históricos daqueles que não estavam enquadrados como pertencentes ao eixo europeu, tomado como referência geopolítica e cultural, no período em que a sobrecarga de informações emergia como um problema na Europa e a imprensa transformava o comunicar da sociedade. No mesmo sentido, promovemos reflexões sobre aqueles que, detentores de uma geopolítica forte no contexto da modernidade, se alocavam economicamente como concorrentes aos europeus, a exemplo dos povos asiáticos e dos impérios islâmicos.

Esforçamo-nos, pois, em utilizar a perspectiva arqueológica (Foucault, 2008) como ferramenta analítica que orientou para a busca de vestígios significativos na reflexão do acontecimento discursivo posto à mesa. Ela pode ser compreendida, segundo Veiga-Neto (2007, p. 46), enquanto metonímia. Para o autor, a arqueologia se insere em um contexto de tendência pós-moderna de dar relevo às partes, tantas vezes tidas como insignificantes, para tentar articulá-las e montar o todo. Este “todo”, contribui o autor, não é totalizante em sentido cartesiano. Não é pensado como modelo prévio que se pensou e que se configura após a montagem, já que isso seria a “recuperação cartesiana do todo partir das partes”.

Portanto, para constituirmos nesta pesquisa um espaço de saber decorrente de uma profunda experiência reflexiva, debruçamo-nos sobre o tema proposto através de uma abordagem ensaística. Tal como nos incita Larrosa (2003, p. 102) “não há modo de ‘pensar de outro modo’ que não seja, também, ‘ler de outro modo’ e ‘escrever de outro modo’”. Assim, ainda apoiados nas reflexões de Larrosa (2003, p. 112), buscamos escritos que sejam a figura “do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha” para a compreensão dos discursos científicos sobre a infodemia e seus conectivos com a imprensa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro (Orlandi, 2020, p. 8).

A proposta metodológica deste trabalho está fundamentada na Análise do Discurso (AD) com perspectiva arqueológica de Foucault (2008). Problematizamos em meio a discursos fundados na memória institucional e na memória “constituída pelo esquecimento” (Orlandi, 2020, p. 8) a noção de infodemia amplamente divulgada no discurso científico mundial pela Organização Mundial da Saúde, no ano de 2020, com o anúncio da pandemia de covid-19. Desde então, existe uma diversidade de estudos acadêmicos que recortam o advento das tecnologias digitais e, quando aprofundam um pouco mais sobre o fenômeno, resgatam superficialmente a imprensa no protagonismo de uma gênese da circulação de informações que culminara neste fenômeno.

É através da AD que compreendemos uma formação discursiva² e suas condições de produção que atribuem sentidos à imprensa e à noção de infodemia que aqui buscamos analisar. Para alcançarmos resultados significativos, o nosso *corpus* de análise³ seguiu o princípio discursivo da dispersão que, tal como mostra Foucault (2008) e Neiva (2016), se caracteriza pela coexistência de enunciados dispersos e heterogêneos. Assim, foi tomado o alerta de Tedros Adhanom Ghebreyesus realizado na Conferência de Segurança de Munique, em 15 de fevereiro de 2020, sobre a urgência das questões relacionadas à infodemia, bem como de posições tomadas em discursos científicos no campo da saúde sobre a circulação de informações científicas como um problema da ciência, ao passo que sinalizam na gênese do fenômeno o protagonismo da imprensa. Destacamos que, “quando tratamos do *corpus* em sua dispersão, estamos considerando-o no espaço descontínuo do arquivo de que ele faz parte” (Neiva, 2016, p. 69).

Entendemos que a noção de dispersão se trata da recusa da uma “visão rígida e dogmática da ciência” (Pérez *et al*, 2001, p. 131) entendida pelos autores citados como uma visão deformada do trabalho científico, uma vez que se compreende nesta rigidez que o método científico reivindica de excessivo rigor metodológico e obtenção precisa de resultados. O nosso percurso analítico, assim como expõe Orlandi (2020, p. 76) está correlacionado em três instâncias de análise: a primeira que buscou o contato com o texto em busca de sua discursividade. Buscamos tornar visível entre “o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ser dito etc.” e que “dão as delimitações das formações discursivas”

² Acerca da formação discursiva Orlandi (2020, p. 41) explica ela “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e o que deve ser dito”. A autora ainda explica que “é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (Orlandi, 2020, p. 42).

³ De acordo com Orlandi (2020, p. 60) “a delimitação do *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos” da qual não se pretende a exaustividade da análise pois a própria análise se mostra inesgotável, uma vez que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro”.

em questão; nas demais etapas da análise se buscou “relacionar as formações discursivas distintas” com “a formação ideológica que rege essas relações”.⁴

Pela natureza desta corrente analítica que dispensa uma aparente neutralidade da linguagem e da produção de sentidos – e cientes de que a interpretação destes aspectos não nos toma de onisciência sobre nosso *corpus* de análise – buscamos apontar regularidades, espectros, descontinuidades que sustentaram a imprensa europeia como marco positivo para a profusão de informações em instâncias múltiplas de saberes instituídos/institucionalizados e que culminara, tempos depois, naquilo que o século XXI compreenderia como infodemia. À guisa de explicações, compreendemos o discurso como “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2020, p. 15). Orlandi também cita que o discurso rompe com modelos tradicionais de comunicação que consideram a transmissão de informação pela “linearidade na disposição dos elementos da comunicação” (Orlandi, 2020, p. 19).

Do mesmo modo, faz-se importante entender que para a Análise do Discurso “a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma” (Orlandi, 2020, p. 17); e, deste modo, “a história tem seu real afetado pelo simbólico [...]; o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam” (Orlandi, 2020, p. 18). Portanto, esta análise “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (Orlandi, 2020, p. 24).

3 UMA NOVA BABEL

3.1 infodemia: epidemia ou acontecimento discursivo?

*[...] Mas não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia. Trecho do discurso de Tedros Adhanom Gebreyesus, diretor-geral da OMS na 56ª Conferência de Segurança de Munique, em 2020.*⁵

O conhecimento científico contemporâneo ainda permanece firmado em raízes que nos remontam de uma perspectiva ocidentocêntrica e universalista deste saber. Pérez *et al* (2001) denominam de “visão deformada” da atividade científica as características que foram herdadas das visões positivistas da ciência. Faremos menção específica a duas delas. Trata-se da “visão acumulativa de crescimento linear” e da visão “individualista e elitista da ciência” (Pérez *et al*, 2001, p. 132). Em linhas gerais, a primeira frente compreende o trabalho científico pelo viés puramente acumulativo, “que ignora as remodelações profundas” (Praia,

⁴ Ainda que sigamos as instâncias de análise do discurso, ressaltamos que os resultados apontados no formato de subseções neste artigo refletem mais uma organização textual para fins de compreensão do/a leitor/a do que, necessariamente, a ordem da análise em si.

⁵ Texto original: “*But we’re not just fighting an epidemic; we’re fighting an infodemic*”. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>. Acesso em: 02 mar. 2023.

1995 apud Pérez *et al*, 2001, p. 132), e que é “fruto de processos complexos que não se desejam e deixam moldar por nenhum modelo (pré)definido de mudança científica” (Giere, 1998; Estany, 1990 apud Pérez *et al*, 2001, p. 132). Ao mesmo passo, a segunda frente compreende que o conhecimento científico se organiza em um “domínio reservado a minorias especialmente dotadas” (Pérez *et al*, 2001, p. 132).

Nos faz adequado pensar por estes sentidos que a produção do conhecimento científico e as provocações que dela decorreram que nem sempre se sucederão da aplicabilidade de um método só, fundado em bases rígidas e de cunho biologicista, por exemplo. Ao contrário, tratar o conhecimento desta forma pode lançar olhares da ciência positivista para o pensar a infodemia, de modo a reforçar tais deformações. A partir destas considerações tomemos como objeto de nossa análise as discussões que popularizaram mundialmente a noção de infodemia como uma epidemia de informações. Destacamos o anúncio realizado em 15 de fevereiro de 2020, na Conferência de Segurança de Munique (Ghebreyesus, 2020, on-line; García-Saisó *et al*, 2021, p. 1) em que o então Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanon Ghebreyesus, indicou que havia uma dupla batalha em campo: a que ainda era considerada uma epidemia de covid-19 e a infodemia. Na oportunidade, o Diretor-Geral destacou os prejuízos produzidos pelas notícias falsas, assim como as ações que o Órgão estava tomando junto das grandes *big techs* da comunicação para impedir a propagação de “rumores e informações enganosas”.

Na contextualização do problema que se tornou a infodemia, Zielinski (2021, p. 2) cita na ênfase dada por Tedros A. Ghebreyesus a informação ruim, em que apontou esta categoria como “o foco principal do campo nesta direção”. A Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, braço da OMS nas Américas, mostrou que existe forte dificuldade por parte dos “responsáveis pela tomada de decisões e por profissionais da saúde” (Zielinski, 2021, p. 3) em localizar informações idôneas e orientações confiáveis. A OPAS também recorda que indivíduos também podem produzir desinformações sem intenção ou de modo deliberado além de trazer questionamentos acerca da ausência de controle de qualidade do que é publicado ou do que é usado para tomar decisões o que, em um contexto pandêmico, comprometeria “o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde”.

Esta carga enunciativa aponta para implicações especialmente prejudiciais à saúde e ao bem-estar da população humana. De modo que, ao vivenciar uma das maiores crises mundiais de ordem sanitária e humanitária, o conhecimento científico acenou mais uma vez para dimensões comunicacionais nocivas nas quais “começaram a aparecer como sintomas prolongados da doença que as comunicações descreviam” (Zielinski, 2021, p.1), a exemplo das “patologias informacionais” (Araújo, 2021) que afetariam também o corpo populacional, em particular aqueles perpassados por marcadores sociais tais como raça, gênero e sexualidades, em que a rapidez e a profusão de informações vistas na atualidade não se sustentaria na própria noção biologicista de epidemia que atua aqui como condição metafórica para a própria infodemia.

Mas, afinal, que viés biologicista seria este? Para as concepções atuais, a infodemia foi recortada como “epidemia de informações⁶” e se explicaria pela semelhança inicial de

⁶ O Núcleo de Intervenções e Investigações em Tecnologias Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (NINETS/UEPB) em conjunto com o Laboratório de Ciência e Tecnologia em Saúde (LCTS/UEPB) têm se

abordagem atribuída entre as áreas⁷. Por este viés, existe uma retomada direta às visões que suscitam não apenas um caráter elucidativo sobre o tema, mas, sobretudo, a retomada de princípios de validação positivista do conhecimento pela analogia à objetividade e aplicabilidade de métodos empregados nas ciências da natureza. Toma-se este excesso de informações assimilada às etapas de uma epidemia na qual há métodos que podem oferecer uma precisão de resultados graças à uma suposta objetividade e mensuração e de suas possibilidades que compreenderia a infodemia no espectro de seu controle, eliminação ou erradicação, tal como uma infecção viral.

Contudo, o discurso científico apresentado em outros campos de saber no indica que, ainda que a infodemia pareça um fenômeno recente – muito em decorrência do tema na sociedade – as reflexões no campo das Ciências Sociais mostram, há mais de cinquenta anos, uma preocupação denominada por Ravetz como “crise da informação” (Petticrew, Roberts, 2006). O pensador considera como um dos aspectos mais graves deste fenômeno o que ele chama de “ciência de má qualidade”. Ela estaria fundamentada num robusto corpo de publicações disponíveis em periódicos científicos e que, além de não circularem nestes canais “estão cheios de artigos que nunca são citados por um autor que não seja o seu próprio, e que, ao examiná-los, são vistos como totalmente enfadonhos ou simplesmente ruins” (Petticrew, Roberts, 2006, p. 7, tradução nossa). Os autores também mostram que Ravetz estava preocupado com a ausência de problematização sobre tal questão suscitada por ele:

Mas até agora não foi um tópico para discussão polida na imprensa; não é mencionado nem na filosofia da ciência nem no ensino formal da ciência. Estudantes de pesquisa aprendem sobre isso, muitas vezes por meio de experiências muito dolorosas, como uma espécie de segredo sujo. De fato, não muito tempo atrás, um estadista mais antigo da ciência poderia afirmar que tal coisa não existe.

À época, o pesquisador já fazia menção à importância de o tema ser recortado pela imprensa e áreas do saber. Ou seja, trazer para o debate de interesse público tais questões que mobilizavam um problema já estruturado no próprio fazer científico. Neste sentido, congregamos com o que Petticrew e Roberts (2006) disserta sobre o pensamento de Ravetz (1971) ao afirmar que a inquietação do autor provavelmente poderia ser feita em qualquer ponto da história da ciência. A esta argumentação, Petticrew e Roberts nos trazem outro conceito relacionado à sobrecarga de informações, ainda mais antigo. Eles citam o artigo publicado em 1903, pelo *The American Journal of Psychology*, em que o psicólogo Edward B. Titchener já reportava tal preocupação. Em sua perspectiva, a “montanha da informação” era um problema. E afirma que “não há dúvida de que nossa literatura experimental está aumentando em massa – não apenas no sentido de que mais investigações estão sendo

debruçado a partir das provocações do pesquisador, desde o ano de 2023, em compreender a noção de infodemia tomando como norte as suas influências na busca por reconhecimento social de minorias no Brasil.

⁷ Na área da saúde, nas últimas décadas o estudo sobre a infodemia é abarcado pela disciplina científica da infodemiologia. O termo infodemia foi cunhado pelo pesquisador teuto-canadense Gunther Eysenbach em 2002 (Eysenbach, 2011; Zielinski, 2021). Assim, “a epidemiologia estuda o que está acontecendo, enquanto uma epidemia é o que está acontecendo – uma estuda as doenças, a outra é ela própria um surto de doença. Essa distinção também é válida para infodemiologia/infodemia” (Zielinski, 2021, p. 2).

publicadas a cada ano, mas, também, no sentido de que os artigos individuais estão se tornando mais longos” (Titchener, 1903 apud Petticrew, Roberts, 2006, p. 7, tradução nossa).

No final do século XX, na década 1990, pesquisadores como Bawden, Holtham e Courtney (1999, p. 249 apud Ribeiro, Francelin, 2016, p. 4) já tratavam da sobrecarga de informações imbricadas às questões de saúde/doença. Eles descreviam o termo como “usualmente tido como descritivo de um estudo de coisas onde a eficiência do indivíduo em usar a informação em seu trabalho é perturbada pela quantidade de informação relevante e potencialmente útil disponível”. Para eles, “o conceito é associado com alguma perda de controle sobre a situação com sensações de desnorreamento” e que “no limite, pode levar a problemas de saúde”. Assim, para os pesquisadores, a sobrecarga de informações estava centrada como elemento que viria a interferir na eficiência para o desenvolvimento de tarefas nas quais o indivíduo dependia da coleta de informações. À época deste conceito, tínhamos uma discussão ainda bastante limitada ao campo da vida produtiva do indivíduo para o trabalho. Neill (1992, p. 110 apud Ribeiro, Francelin, 2016, p. 4) dizia que “para bibliotecários e cientistas da informação, a sobrecarga de informação era uma oportunidade, um desafio, uma chance de fazer o que fazem melhor”. Esta concepção ganharia outros contornos nas discussões sobre o tema décadas depois, com a emergência da pandemia de covid-19.

Esta rede de enunciados também se estruturou no bojo da ciência moderna e denotava as preocupações sobre o acúmulo de informações na Europa dos séculos XVII e XVIII que se mostravam, de modo pragmático, pelo viés da organização de espaços e assimilação do conhecimento científico. Somamos, para fundamentar a nossa discussão, o resgate histórico que Burke (2003, p. 83) faz pela sociologia do conhecimento, especialmente a partir das mudanças na organização das universidades ainda no século XVI. Como ele exemplifica, nesta época já eram relatadas preocupações com a sobrecarga de informações em registros de “um escritor italiano, Antonfrancesco Doni”, que “já se queixava em 1550 de que ‘há tantos livros que nem temos tempo de ler seus títulos’”. Ele também cita o naturalista suíço Conrad Gesner, “que cunhou a expressão *ordo librorum*” e que “se queixava ‘dessa confusa e irritante multidão de livros’ (*confusa et noxia illa librorum multitudo*)”. Do mesmo modo, o teórico também apontava para expressões que pensadores do mesmo período ou de séculos seguintes que se lançavam rumo a tais questões. A exemplo disso Burke (2003, p. 83) cita a “‘vasta quantidade de livros’ (*granditas librorum*)”, utilizada nas reflexões do reformador educacional tcheco Jan Amon Comenius. Assim como menciona “um estudioso francês do final do século XVII, Basnage”, o qual utilizava o termo “enxurrada” para se referir às mesmas questões.

Uma vez compreendido que o discurso da infodemia enquanto epidemia seguiu uma orientação na qual não se há razão, tal como os próprios positivistas buscavam, mas que a própria infodemia decorre de uma cacofonia info-comunicacional do próprio conhecimento científico, é que entendemos a infodemia como um acontecimento discursivo e histórico. E, sendo um acontecimento discursivo passa a ser compreendido, como nos explica Vandresen (2014, p. 82) à luz das reflexões de Foucault, “como o conjunto das condições que tornam um discurso possível. Condições estas que não são apenas internas ao discurso, mas também condições não-discursivas”. Nesta memória discursiva, resgatada na atualidade, que vemos o discurso científico deslocar as suas preocupações sobre o volume e a qualidade das

informações há, pelo menos, quase cinco séculos. Momento no qual converge, segundo o que explica Larrosa (2003, p. 105), a partir do pensamento de Zambrano, com as mudanças promovidas desde o século XVII até o século XX que carregaram consigo a noção de “reforma do entendimento”, de “reforma do pensamento” e de “reforma da razão” atravessam a cultura ocidental e “passam por tomar violenta a vida, por violentar a vida, ajustando-a aos moldes da razão”.

3.2 Uma cacofonia info-comunicacional

[...] O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que estava a levantar. “Vejam se isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer. Vamos descer e fazer com que a língua comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros. E foi dessa forma que o Senhor os seguiu sobre toda a face da Terra, tendo cessado a construção daquela cidade. Por isso, ficou a chamar-se Babel, porque foi ali que o Senhor confundiu a língua dos homens e espalhou-os por toda a Terra. (Gênesis 11:5-9)

Assimilar como a difusão do conhecimento na modernidade⁸ demarca as nuances da infodemia, perpassa a necessidade de revisitarmos, inicialmente, o percurso que a história apresenta sobre os desdobramentos históricos que antecederam o declínio do sistema feudal e o renascimento do comércio urbano. Entre muitos fatores para esta transformação estava o crescimento populacional e sua expansão para áreas urbanas, o que impactou a produção interiorizada, agrícola dos feudos. Com o passar do tempo, o movimento do campo para a cidade fortaleceu o surgimento de novos grupos sociais, tais como os burgueses que movimentavam o comércio através das feiras ao redor das grandes cidades europeias. É no caminhar deste percurso que as Cruzadas da Igreja Católica, desde os primeiros séculos da Baixa Idade Média, impulsionaram tal atividade.

Continuamente, o poder dos senhores feudais entrava em declínio junto com os moldes estamentais da sociedade. Em proporção similar, o poder real viu nessa fragilidade a oportunidade de centralizar o poder para si, o que resultou na formação dos Estados Nacionais Modernos e alterou a dinâmica econômica, social e cultural da época. Vejamos. Uma sociedade imersa em um sistema estamental teria agora a centralidade política nas mãos dos reis que tornaram a própria nobreza feudal subserviente, delineando seus territórios através do fortalecimento de uma identidade nacional fundamentada pela exploração da terra e submissão humana. Além disso, este período também foi marcado por extenso processo de expansão comercial ultramarina europeia, iniciada no século XV, e que seguiu até o século XVIII. Esta investida para além dos oceanos estava ancorada no déficit europeu em relação ao comércio com o Oriente. As cidades portuárias como Gênova e Veneza abrigavam a chegada dos produtos do Oriente, tais como especiarias, açúcar, algodão, porcelana e outros, e eram monopolizadas pela burguesia local.

⁸ Informamos ao/à leitor/a que a modernidade aqui citada se refere, em linhas gerais, a um período histórico e que o aprofundamento desta discussão não se coloca à mesa diante dos moldes germinais que este trabalho de conclusão de curso estabelece. No entanto, é importante destacarmos o que os estudos decoloniais apresentados por Quijano (2014), Mignolo (2010) e Grosfoguel (2008) (apud Costa, 2023, p. 72) localizam sobre a questão. A modernidade é compreendida como uma “auto-narrativa de atores/as e instituições que, a partir do Renascimento, conceberam a si mesmos como o centro do mundo, tomando a Europa como seu ponto geográfico-cultural de origem, celebrando suas façanhas civilizatórias enquanto adensa a exploração e a dominação de povos não-europeus, mostrando o seu ‘lado mais obscuro’, que torna a modernidade possível”.

Houve, por este percurso descritivo, profundos interesses dos Estados Nacionais em encontrar rotas para o Oriente que pudessem romper com o monopólio comercial, sendo o investimento nas grandes navegações uma alternativa consistente para tal necessidade. Neste cenário, os reis estabeleceram relações com a burguesia; enquanto a monarquia detinha poderes jurídicos, fiscais e militares, a burguesia investia capital para financiar este empreendimento, fortalecendo o próprio Estado Nacional na mesma medida que a nobreza feudal entrava em declínio.

Tal formatação geopolítica era de interesse da própria burguesia diante dos impasses vivenciados pelo declínio dos feudos. A ausência de unidade monetária e de língua própria, a descentralização política, a cobrança de tributos feudais, tudo isso limitava o lucro dos burgueses. O Estado Nacional, portanto, permitiria a criação de um território unificado em que o Estado, e apenas ele, cobraria impostos de uma região bem delimitada em uma mesma moeda. A identidade do Estado Nacional só seria então alcançada mediante a reformulação destes valores a fim de legitimar o próprio Estado e a figura do rei. No entanto, não bastaria apenas isso, fora necessário o reordenamento dos fatos históricos em benefício dessa nova identidade nacional, com a adesão da instituição que por séculos formatou os valores culturais na Europa e fora dela: a Igreja, que incorporou a noção de divindade ao rei e a tudo aquilo que ele representara.

Foi nesse período que também emergiu a imprensa de Johann Gutenberg que, em pesquisas brasileiras mais recentes a este estudo e relacionadas à gênese da infodemia, é destacada como tecnologia propulsora que “alterou a velocidade e a quantidade das informações na sociedade” e que “ocasionou mudanças no pensamento coletivo, nas interações sociais e contribuiu consideravelmente para a emergência da ciência, religião, cultura e política em espaços de debate” (Cavalcante *et al*, 2022, p. 33). Do mesmo modo, também mostram a prensa gráfica como “uma verdadeira revolução na sociedade” sendo ela a responsável por desfazer “o monopólio do saber das mãos da religião católica e da nobreza, para um maior acesso da população, sobretudo a nascente classe burguesa, à informação” (Machado *et al*, 2022, p. 75).

Há nos estudos em campos científicos diversos o ponto comum que trata do valor que a prensa por tipos móveis trouxe à circulação de informações. Contudo, este consenso não se define textualmente assim, mas se apresenta circunscrito por uma circulação de informações/conhecimento que emerge na Europa Ocidental e oculta, pelo não-dizer, trocas comunicacionais de povos não-europeus ou que, ainda que fossem europeus, não participavam das instâncias decisórias do poder institucional apresentados à época. O silêncio do atual discurso científico em busca da gênese da infodemia sobre o papel da imprensa é aqui visibilizado uma vez que “as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio” (Orlandi, 2020, p. 83). Tal bifurcação que discutimos aqui, contudo, não busca uma origem verdadeira da infodemia, mas realiza um esforço introdutório em direção a outro lugar de interpretação sobre o papel da imprensa na emersão da atual infodemia.

3.3 A imprensa no (euro)centro das atenções

Iniciamos, pois, o processo que nos faz repensar os caminhos e marcos sobre a difusão da infodemia. Lembramos que este fenômeno tem sido mostrado em ato contínuo e que recorre ao desenvolvimento da imprensa de Gutenberg como seu marco basilar no conhecimento científico para as significações atuais relacionadas ao conceito de infodemia. Sim, a imprensa foi um mecanismo facilitador da “interação entre diferentes conhecimentos” (Burke, 2003, p. 17). Todavia, vemos que esta interação se deu a partir da perspectiva eurocêntrica⁹ da promoção do conhecimento. Que experiências, afinal, podemos resgatar a fim de justificar este posicionamento?

Resgatar as origens asiáticas da prensa por tipos móveis, no século XI, pelo chinês Bi Sheng nos parece ser uma boa alternativa para responder nosso questionamento. Esta tecnologia – marcada como uma das quatro grandes invenções chinesas da ciência e da tecnologia – possui na ciência moderna/colonial estruturas discursivas que a sustenta como tal e que nos fazem repensar se, efetivamente, “o conhecimento, que era detido por uma minoria, passou a abranger o meio social” (Cavalcante *et al*, 2022, p. 33). Se assim nos reportarmos à imprensa nós traremos, então, uma relação de causalidade quase que ingenuamente positiva para o acesso de diferentes camadas sociais em diversas regiões do mundo ao conhecimento vigente à época.

A própria discussão sobre a imprensa como grande invenção chinesa nos chama para tensionamentos ainda mais profundos. Tomamos como exemplo aqueles que apontam para a Europa ocidental em relação às diversas regiões da Ásia, no que corresponde às visões de hegemonia nos espectros da economia e do desenvolvimento, em que “uma doutrina consolidada de superioridade desenvolvimentista europeia inequívoca é um fato relativamente recente” e que “a passagem do século XVIII para o XIX marcou uma mudança negativa do tom geral da Europa em relação ao Oriente” (Segrillo, 2014, p. 11).

Tomemos como exemplo algumas perspectivas que mostram como este pensamento perpassa pela contemporaneidade. Em estudos com visão eurocêntrica sobre as potências asiáticas do mundo antigo, Jones (1981 *apud* Segrillo, 2014) mostra, por exemplo, que elementos geográficos e ambientais germinaram transformações que, associadas posteriormente ao desenvolvimento político, possibilitaram à Europa ultrapassar outras potências na época moderna:

Jones (1981, p. 4-5) comenta que “o hiato entre o Oriente e o Ocidente pode ter sido alargado pela industrialização, mas não foi causado por ela”: já provinha do final da Idade Média e início da Idade Moderna. Nessa época os europeus já “detinham maior capital per capita que os asiáticos, principalmente na forma de gado. Como corolário, comiam mais carne e produtos animais [...] utilizavam mais animais de tração. E sua distribuição de renda era mais igualitária que na Ásia (*apud* Segrillo, 2014, p. 22).

⁹ Neste momento, consideramos a perspectiva eurocêntrica por compreender que a produção de auto-narrativas que visavam justificar a superioridade de povos partia neste contexto dos Estados Nacionais Modernos. Esta herança, posteriormente, fortaleceu uma “cultura ocidental” de países que exerciam seu poder geopolítico, a exemplo dos Estados Unidos que, ainda no século XVIII iniciou o seu processo de independência e, com ele, o fortalecimento de teorias que viriam a justificar a sua expansão imperialista sobre outros povos.

Ainda neste sentido, Jones (apud Segrillo, 2014, p. 26-27) também defende que foi a partir do século XV que a Europa abriu “clara vantagem sobre as civilizações concorrentes mais antigas” e cita o desenvolvimento da imprensa como um dos marcos inovadores. No entanto, ressalta que “mas que mera inovação também não seria suficiente se ela não fosse disseminada pela sociedade. E esta disseminação (mais que na Ásia) era possibilitada pela forma com que os mercados e o sistema de estados estavam configurados no continente”. Para o pensador, nem mesmo a Peste Negra em meados do século XVI impediu os avanços tecnológicos em que uma suposta tendência natural daquele povo permitiu a manutenção da “vitalidade tecnológica” experimentada na Idade Média.

No outro espectro deste contexto existem as abordagens asiocêntricas da questão. Hobson (2006 apud Segrillo, 2014, p. 143-144) “revida o argumento eurocêntrico de que, apesar da China e os impérios islâmicos do Oriente terem tido grande desenvolvimento até o século XII, depois entraram em declínio” e o autor segue refutando outra posição eurocêntrica na qual mostra que “durante a parte final da Idade Média a Europa se acelerou a partir do século XV, com as Grandes Navegações e a Renascença, passou decididamente à liderança mundial”. A partir de um compilado de informações estatísticas, Hobson relata que “nenhum dos grandes atores da economia mundial até 1800 era europeu [...]. O Oriente se manteve à frente do Ocidente até o século XIX” (Hobson 2006 apud Segrillo, 2014, p. 144).

Esta dicotomia influenciou, inclusive, na percepção da imprensa como grande invenção do mundo antigo. Trazemos para o centro de nossas reflexões o que o pesquisador chinês Deng Yinke (2016) nos mostra. Ele aponta que as convenções que interpretaram como as quatro principais invenções o papel, a impressão, a pólvora e a bússola não partiram dos chineses, mas de visões estrangeiras sobre a civilização chinesa. Ele afirma que:

No entanto, o argumento de que as quatro grandes invenções refletem plenamente as conquistas científicas e tecnológicas da China antiga é questionável. As quatro invenções são consideradas as conquistas mais importantes da China em ciência e tecnologia, pois ocupam uma posição de liderança nas trocas entre Oriente e Ocidente, e esse papel é considerado uma poderosa dinâmica que fomentou o desenvolvimento do capitalismo na Europa. [...]. Numerosas descobertas e descobrimentos intimamente relacionados com o sustento e a vida cotidiana do povo aumentaram as forças produtivas e a vida social da China. Muitos deles são pelo menos tão importantes quanto essas quatro, e algumas são ainda mais importantes (Yinke, 2006, p. 26, tradução nossa).

Na China antiga, Yinke (2006, p. 26) também explica que invenções como “a agricultura, metalurgia de ferro e cobre, exploração de petróleo e carvão, maquinaria, medicina, astronomia, matemática, porcelana, seda e vinificação” trouxeram fortes contribuições à formação do povo chinês, fortalecendo o seu desenvolvimento. Apropriar-se da descoberta chinesa se mostrava, portanto, uma estratégia satisfatória para uma Europa que tinha no Oriente seus principais concorrentes comerciais.

Assim, pelos estudos eurocêntricos, a Europa ocidental foi tratada ainda na pré-modernidade¹⁰ como dotada de mecanismos naturais que a protagonizaram, senão como

¹⁰ Na visão eurocêntrica, “a sociedade europeia podia gerar novidades e era capaz de pegar emprestado de maneira eficiente. O que Bacon podia denominar em tempos jacobinos como três grandes invenções do homem - a bússola, pólvora e imprensa - todas vinham da China. Entretanto, foi a Europa que as levou a novas alturas,

autora, como impulsionadora indiscutível de tecnologias a exemplo da imprensa. Tratou-se de representar pelo discurso filosófico e científico uma região com tendências intrínsecas de campo fértil para a ciência e da tecnologia em que, mesmo atribuindo a autoria de uma invenção a um povo economicamente concorrente a ela, assim o fazia para beneficiar-se a si mesma. Ao que nos parece, buscou-se reconhecer a origem exógena da imprensa tão somente para valorizar o impulsionamento que esta tecnologia teve na Europa em detrimento de um suposto atraso oriental do desenvolvimento dela.

Seria, pois, o uso da imprensa para a difusão do conhecimento uma grande preocupação do Oriente? No mundo árabe, Burke (2003, p. 32) relembra que a imprensa “oferecia muitas oportunidades aos homens de letras europeus”, mas destaca, também, que “o mundo Islã, por outro lado, rejeitava a imprensa e continuou sendo até aproximadamente 1800 um mundo de comunicação oral ou manuscrita”. Aglutinamos a esta percepção o que destaca Anderson (2008) sobre a não-arbitrariedade do signo presente na língua árabe, o que seria “uma ideia bastante estranha à mentalidade ocidental”. Segundo o teórico:

Os ideogramas do chinês, do latim ou do árabe eram emanações da realidade, e não representações inventadas ao acaso. Conhecemos a longa discussão sobre a língua (latim ou vernáculo) mais adequada para a missa. Na tradição islâmica, há até bem pouco tempo, o Corão era literalmente intraduzível (e, portanto, intraduzido) porque o único acesso à verdade de Alá era por meio dos signos verdadeiros e insubstituíveis do árabe escrito (ANDERSON, 2008, p. 42).

No mundo árabe fundamentado nos preceitos islãs, a imprensa não era o ponto nevrálgico da circulação da informação. E a esta colocação nós resgatamos o mito da Renascença como “um dos alicerces da construção eurocêntrica” que se firmou como “o grande momento de viragem da Europa em relação ao resto do mundo” (Segrillo, 2014, p. 146). Hobson (2006 apud Segrillo, 2014, p. 146) denuncia uma visão idealizadora da história que “menosprezava não apenas os avanços das outras regiões da Ásia, mesmo após o século XV, como também a imensa contribuição oriental para o deslanche da Renascença ocidental”¹¹. Assim, Segrillo, fundamentado no pensamento de Hobson, empreende uma concepção de que se tratou, efetivamente, de uma “Renascença Oriental”, de modo que os povos árabes tiveram papel ativo na produção intelectual europeia e que forneceram bases para a ciência moderna. Ao mesmo tempo, também tratam a invenção da imprensa como “deslavada apropriação europeia”:

empregando-as produtivamente em larga escala; de modo geral ultrapassou seus mentores em ciência e tecnologia (Jones, 1981, apud Segrillo, 2014, p. 27).

¹¹ Enquanto a Europa fragmentada da Alta Idade Média, às voltas com guerras e migrações internas, perdia seu contato com a herança grega, os árabes criaram centros especiais de saber em que uma sistemática atividade de tradução de textos gregos para o árabe foi exercida. Foi, através da tradução da língua árabe para o latim que, posteriormente, muitos destes textos clássicos perdidos dos gregos voltariam à Europa e serviriam, subsequentemente, para inflamar a Renascença. Mas os árabes não trariam para si (e transmitiram para a Europa) apenas o conhecimento grego. Uma imensa gama de conhecimentos avançados da Índia, da China e de outros pontos do Oriente foi dissecada por eles, tornando-os uma espécie de irradiador cultural universal. Além disso, os árabes não foram meros “transmissores” desses conhecimentos internacionais: a partir deles, criaram uma longa série de inovações independentes que avançariam consideravelmente o estágio intelectual e tecnológico da época (Hobson, 2006 apud Segrillo, 2014, p. 146-147).

Os chineses já tinham uma forma de imprensa em madeira (xilografia) desde o século VI e imprensa com tipo móvel desde 1037, muito antes da “invenção” da imprensa por Gutenberg em meados do século XV. Sintomático disso é que no final do século XV, a produção chinesa de livros, segundo alguns cálculos, superava a produção de todos os outros países do mundo juntos” (Hobson, 2006, apud Segrillo, 2014, p. 147).

Atentos agora para o interior da Europa medieval, vemos que o conhecimento girava pelas universidades que eram compostas majoritariamente por membros do clero. Quem afirma isso é Burke (2003, p. 35-36) que apontava a Igreja medieval como monopolizadora do conhecimento, sem esquecer que a circulação de outros saberes a exemplo dos “artesãos medievais (que tinham suas próprias instituições de ensino, oficinas e guildas), e dos cavaleiros, camponeses, parteiras, donas de casa e outros”. Burke (2003, p. 35-36) ainda afirma que “à época da invenção da imprensa, a alfabetização dos leigos já tinha longa história na Europa ocidental (e na Europa oriental, ao contrário, onde a religião era cristã ortodoxa e o alfabeto, cirílico, a alfabetização dos leigos era relativamente rara)”. Assim, “os hereges, que se multiplicavam ao mesmo tempo que as universidades, foram descritos como “comunidades textuais” que se mantinham pelas discussões de ideias que estavam registradas em livros”.

Neste percurso analítico consideramos refletir os modos de produção do conhecimento – que demarcaram a imprensa como uma possível gênese da cacofonia info-comunicacional – que tem na sobrecarga de informações um de seus pilares. Reportamo-nos desse modo a uma possibilidade de identificação da infodemia na atualidade. Esta dimensão evidencia perspectivas que estão além da dimensão quantitativa da circulação da informação em que a visão biologicista do fenômeno ainda se mantém. Ela incorpora a complexificação das relações entre sujeitos que está envolvida no ato de comunicar, abrigando o ato em si, os seus elementos constituintes ou, ainda, as implicações e negociações decorrentes dele em diversos campos de saber.

Consideramos, portanto, a hipótese de que a sobrecarga de informações, um dos elementos qualificadores da atual infodemia – ainda que tenha sido amplificada com o desenvolvimento da imprensa de Gutenberg – tem se instituído pelos estudos em diversos campos científicos em uma difusão conceitual pautada, subjetivamente, pela concentração exógena à Europa ocidental de conhecimento e, portanto, um conhecimento eurocentrado.

O grande volume de informações que circulava na Europa moderna além de um fato, tratou-se de uma interação necessária. Havia, pois, a preocupação em endereçar fatos históricos em benefício de identidades nacionais que ali se constituíam. Se pela narrativa bíblica o homem fora limitado por Deus em um trágico destino que o puniu após manifestar a sua ambição em ser uno através da construção de uma torre, Babel; por outro, a identidade moderna iria requerer de mecanismos que viriam a legitimar o status divino e uno que era o Estado e a figura do rei, ainda que, para isso, houvesse a reorientação de discursos científicos e de esvaziamentos históricos de povos dominados ou daqueles que interessavam à Europa segundo a perspectiva econômica e desenvolvimentista.

Estabelecemos a partir do exposto, portanto, a segunda hipótese, complementar à primeira, na qual, à medida que a produção de conhecimento da ciência moderna se endereçava a uma rede de saberes instituídos, com o declínio do poder feudal e dos moldes estamentais da sociedade medieval, a busca pela identidade nacional dos Estados Modernos

era fortalecida, também, pelo volume e circulação de informações mediadas pela imprensa, que faziam circular valores para legitimar o próprio Estado. Cabe-nos, por esta breve contextualização e para reforçar os preceitos expostos até o momento, proceder neste estudo com uma discussão que também abarque como o sistema de dominação europeu foi fundamental para estruturar silenciamentos de culturas em meio ao volume informacional consolidados na modernidade. Resgataremos como este esvaziamento de vozes esteve imbricado às concepções modernas de racismo que perduraram na Europa moderna, atravessaram o Atlântico e chegaram às Américas.

3.3.1 O silenciamento sob o qual deriva o excesso

E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus, tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues [...] E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos. (Gênesis 9, 1-2; 25)¹²

Em continuidade às estratégias de produção de informação e conhecimentos que estruturavam o pensamento moderno a partir da ótica europeia há uma questão que, por vezes, foge às discussões sobre o contexto histórico: o acúmulo de informações do período de ascensão da prensa de Gutenberg. Trata da deliberada contribuição do conhecimento científico fundado em teorias que hierarquizavam e deslegitimavam a existência e dignidade de povos africanos e ameríndios numa época em que se acentuava a sobrecarga de informações na Europa. Diante das mazelas causadas a estes povos, destacaremos aqui as teorias racistas e a concepção moderna de racismo que surgiu entre os séculos XVI e XVII, destacando-se este último. O discurso científico atual, ao se reportar à imprensa com atenção a seu protagonismo sobre a rapidez da circulação das informações na Europa moderna, é afetado pelo esquecimento ideológico que naturaliza esta perspectiva histórica nas quais os sujeitos, como pontua Orlandi (2020, p. 33), retomam “sentidos preexistentes” que neste caso silenciam e excluem. Numa perspectiva lateral que contribua para a nossa analítica, podemos nos perguntar: como teorias racistas se estruturam na Europa moderna e atuaram no silenciamento de povos dominados no período em que emergia a sobrecarga de informações?

A fim de elucidar nossa provocação, se faz necessário entender que foi na complexidade deste percurso que o conceito de raça foi criado. O contato entre povos diversos não só pôs em dúvida a humanidade do “outro” como também o manteve delineado pelo entendimento cristão subserviente às novas configurações dos Estados Nacionais Modernos. Em suma, isto significou que os povos europeus passaram a ser interpretados por si próprios como dotados de uma hierarquização natural e até divina que fornecia a capacidade de dominar e governar culturas não europeias. Tomando como mote, por exemplo, o que se

¹² Esta passagem bíblica expõe como a reinterpretação dos valores cristãos foram providenciais para o estabelecimento do racismo no mundo ocidental. Na primeira parte há a bênção de Deus a Noé, para dominar todos os animais. Uma vez que povos africanos escravizados eram interpretados como sem alma, bestiais, a descendência pura de Noé (pré-adâmica) poderia exercer o domínio. E, ainda que todos fossem humanos, a segunda parte justificaria a dominação de africanos por serem uma descendência amaldiçoada de Noé.

estabeleceu a partir do processo de dominação da Coroa Britânica¹³, James Walvin (2007) resgata a questão dos Estados Unidos, nos séculos XVII e XVIII. Naquela época, as pessoas tomavam a raça como um fato da vida, uma interação necessária.

O processo de colonização da atual região dos Estados Unidos foi realizado pelos ingleses um século antes e alcançou sua independência no século XVIII, por divergências entre as Treze Colônias e a Metrópole (o Império Britânico). Outro aspecto que diz respeito aos britânicos o qual também destaca Walvin (2007) é que estes povos não escravizaram por serem racistas, mas, se tornaram racistas pois a manutenção de escravos gerava lucro nas colônias das Américas. Vejamos. No século XVII, a Inglaterra havia se tornado uma monarquia constitucional graças aos conflitos de interesse do rei com o parlamento inglês. Neste modelo político-administrativo, as colônias eram vistas como potenciais fontes de matérias-primas e tributos aos ingleses, o que fez com que a exploração nestas regiões aumentasse e com ela o desenvolvimento de mais conflitos.

Neste trajeto, nos cabe fazer uma breve imersão no século XIX, já que este período marcou “a consolidação e hegemonia das visões eurocêntricas no Ocidente” (Segrillo, 2014, p. 13) pelas vias de uma lógica racial construída nos séculos anteriores. Foi neste período – mais especificamente na segunda metade do século XIX com a Guerra de Secessão¹⁴ ocorrida entre os anos de 1861 e 1865 – que a escravidão tinha amparo legal naqueles estados e os escravizados tinham origem majoritariamente africana. Robin Blackburn (2007) cita que a escravidão estava fundamentada na “determinação de usar estas pessoas diferentes de nós” onde se “cria o sentimento racial mais intenso que surge na adoção generalizada da escravidão no sistema *plantation* das Américas”.

O negro estava relegado, assim, à categoria de bem de comércio e base da expansão da riqueza britânica que transformou a lógica escravocrata em uma indústria do racismo que o destituía de condições materiais para ser visto enquanto sujeito produtor e circulador de conhecimentos. É importante lembrarmos também que esta indústria teve contornos específicos no que diz respeito aos indígenas. O sentimento racial sob o olhar dos povos originários na América do Norte tido à época se constituiu em uma percepção estruturada a partir da imposição do europeu. “Se analisarmos a partir da perspectiva dos nativos americanos, quando os brancos chegaram foi uma perturbação. Eles eram chocantes e surpreendentes de todas as formas. Mas, para muitos índios, eram vistos apenas como mais um grupo rival” (Guyatt, 2007, on-line, tradução nossa).

Coube aos brancos, então, se proteger das projeções negativas criadas por eles mesmos sobre os povos escravizados. Esta proteção repercutiu em um sistema que condicionou a população negra e aos povos nativos à indignidade. Havia, assim, o recrudescimento do sentimento racial. Se, por um lado, europeus objetificavam a população

¹³ Optamos por apontar o sistema de escravidão da Coroa Britânica para elucidar o deslocamento do pensamento europeu/colonial/moderno/dominador para as Américas à medida que deslegitimava a existência de povos dominados e, por conseguinte, a sua capacidade de produzir e fazer circular seu conhecimento.

¹⁴ A Guerra de Secessão, em linhas gerais, tratou-se de uma guerra civil entre estados do norte que mantinha o desenvolvimento manufatureiro e a predominância do trabalho livre e assalariado em contraste com os estados do sul, com características de produção latifundiária e dependente do trabalho escravo. Dois modelos de produção que conflitavam em identificar qual deles seria preponderante na ocupação de novos territórios americanos a oeste das Treze Colônias.

negra tratando-os como meios de produção; por outro, tal ação fortalecia a visão de inimigos dos escravizados sobre os europeus, o que tensionava ainda mais os conflitos. Reforçamos, contudo, que a visão objetificante do colonizador europeu era limitada. Diferente de um objeto capaz de ser comprado, vendido, trocado, descartado a qualquer tempo, pessoas escravizadas ainda eram capazes de se rebelar contra a condição desumanizadora imposta, o que nos mostra a produção não natural e intencional do olhar escravizante sobre aquele que se procura escravizar¹⁵.

Este exemplo mostra, tal como tantos outros, como a lógica escravocrata moderna tinha na construção narrativa da desumanização de sujeitos africanos um importante argumento para o fortalecimento de suas identidades nacionais. O escravizado era indigno de se estabelecer naquela sociedade pois a ele era imposta a indignidade e, para além disso, era interpretado como não possuidor de vínculos sociais e afetivos com a sua própria terra, de modo que era visto como justificável o exercício da dominação europeia. Portanto, a distinção de raça era conveniente para a construção de saberes que circularia e instituiria a política dos Estados Nacionais Modernos. Neste sentido, havia também a preocupação de rebeldia do escravizado que se estendia não apenas para os sujeitos de origem africana, mas tal como nos mostra Charles W. Mills (2007) para todos os “não-brancos” presentes nas terras colonizadas pelos Estados Modernos e que repercutiam na promoção da miserabilidade, assassinatos e etnocídios destes povos.

Estabelecia-se a configuração do medo que era capaz de inibir atos de rebeldia ao passo que fortalecia os valores do colonizador. A herança de submissão dos povos negros atravessaria, por fim, o Atlântico e fortalecia o silenciamento dos africanos e de seus descendentes nas Américas. Apropriando-se da noção de raça, o colonizador europeu estabeleceu uma régua que anula, primeiramente, a cultura dos povos e, uma vez consolidado este sistema, passou a considerar abjeto o reconhecimento de que povos dominados eram capazes de produzir e fazer circular saberes.

Esta interlocução entre a narrativa bíblica e as teorias racistas reforçam como a Igreja e os valores cristãos foram fundamentais para justificar o sistema de dominação de povos não-brancos e, portanto, não-europeus e que torna descontínua a ideia de que a difusão do conhecimento e das informações pela imprensa se tornou acessível a estes grupos. O elemento primeiro posto em questão é a moralidade que se estende, posteriormente, aos argumentos pseudocientíficos acobertados e disseminados pela literatura e filosofia modernas ocidentais. Essa miscelânea ocidental tratou do negro pela ausência de uma alma, por sua bestialidade, pela ignorância, por uma sexualidade animalesca. Eles trataram os povos originários pela presença duvidosa de uma alma, pelo medo iminente de ataques que eles poderiam suscitar. E, pela ostensiva circulação do conhecimento, fomentado pela imprensa europeia, o outro era a

¹⁵ Até mesmo na objetificação os povos negros se organizaram em quilombos na condição de movimentos de resistência a um ambiente avesso à sua dignidade. Com base no pensamento de Beatriz Nascimento (1989) Souto (2020, p. 141) explica que “os quilombos assumiram diferentes formas de constituição e organização de acordo com as condições encontradas pelas comunidades que neles residiam, sendo possível entendê-los enquanto assentamentos de negros e outros sujeitos étnicos marginalizados, que possibilitavam a prática e preservação dos modos de vida dessas comunidades”. Isto reverberou em estratégias comunicacionais em nosso tempo a exemplo dos “aquilombamentos virtuais midiáticos”, tal como nos mostra Veloso e Andrade (2020) e nas redes de aquilombamento contra a covid-19, como cita Costa (2020).

todo momento confrontado com o europeu para constituição e fortalecimento da identidade política, social, cultural, econômica e ideológica deste último.

Como vimos, a narrativa cristã foi utilizada como fundamento para as bases do racismo e o racismo uma das, senão a maior estratégia, de dominação de saberes na modernidade que assim também foi incorporada nas Américas. O discurso da criação divina trouxe coerência à dominação e exploração de outros povos. Em igual medida, esta mesma narrativa também fora utilizada para manter o racismo nas bases das produções das colônias, a exemplo do já citado Estados Unidos. “Não é apenas um preconceito casual contra pessoas diferentes de nós. É a determinação de usar estas pessoas diferentes de nós” (Blackburn, 2007)”. Foi “só por volta do século XV, quando os portugueses no noroeste da África começaram a identificar especificamente os africanos como maldição” (Fredrickson, 2007), baseados em narrativas bíblicas que também buscaram separar os bons índios e passíveis de catequização dos maus índios, insistentes em sua hostilidade. O sentimento racial instituído pelos europeus incentivou um tensionamento dicotômico identitário nas regiões colonizadas por eles naquelas em que havia independência político-administrativa estabelecida.

As bases do sentimento racial se tornaram rizomáticas na formação das democracias, quando circularam os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade ainda estavam em desenvolvimento no século XVIII. A igualdade racial não era, no entanto, pauta para as discussões iluministas da igualdade social e política, que passaram por uma visão “higienizadora dos filósofos das principais correntes” (Mills, 2007). O autor também nos mostra que os pensadores iluministas são representados “de forma a não remeter para a espécie de dimensões racistas do seu pensamento. E isso contribui para uma imagem do período moderno da qual a raça foi apagada”. Sinalizamos, pois, para a concepção de um discurso filosófico promotor de silenciamentos convenientes à abastada circulação de informações da Europa Moderna. Um exemplo disso é o filósofo iluminista Immanuel Kant:

Kant é considerado um dos filósofos mais importantes do período moderno dos últimos anos. E é certamente considerado o filósofo moral mais importante, onde a ideia crucial é a da pessoalidade, de respeitar o próximo, de não desdenhá-lo. Contudo, simultaneamente, Kant também tem artigos em antropologia e em geografia física nos quais ele descreve uma espécie de nível de quatro camadas de seres humanos. Essa é uma visão racista e restritiva da pessoalidade, onde o pré-requisito para a pessoalidade é ser branco. Apenas a camada europeia, a primeira cama, que tem o necessário para serem pessoas completas. Os asiáticos estão abaixo dos europeus, e os negros abaixo dos americanos. Essas são as camadas. E mesmo sendo seres humanos, não são pessoas completas (Mills, 2007, on-line, tradução nossa).

Tais fatos mostram que o revisionismo histórico do pensamento europeu, entranhado nas ciências e na filosofia moderna, se adensou em uma recorrência narrativa que alterou fatos e eliminou posições que pudessem ser mote para contradição ou questionamento da autoridade dominante das sociedades europeias modernas, ainda que estas fossem baseadas em novas posturas e correntes filosóficas. É neste sentido que as definições modernas de raça e de racismo também fundamentaram a produção do conhecimento europeu que conseguia, com mais força, minimizar e até mesmo silenciar as contribuições de povos dominados dos circuitos institucionalizados do saber.

Como vimos, através de discursos normativos filosóficos e científicos ficara evidente que a efervescência das informações na Europa Moderna esteve condicionada ao apagamento

das experiências dos grupos colonizados/dominados. Se, então, o volume de informações se consolidou como um dos pilares da infodemia, o silenciamento de vozes dominadas mereceu igual status, sendo a concepção moderna de racismo diluída e refletida pelos não-ditos do discurso científico atual naquilo que retrata o papel da imprensa no avançar da sobrecarga de informações da modernidade, bem como nas formas que o conhecimento ocidental basilado pela hegemonia europeia circulou na modernidade e atravessa os dias atuais no contexto da infodemia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate público acerca dos impactos da infodemia na sociedade ganharam profundidade com a emergência da pandemia de covid-19. Contudo, o discurso científico da atualidade atribuiu para que este fenômeno adquirisse analogias a uma epidemia de informações e que afetaria a sustentabilidade da saúde global. No entanto, ao resgatarmos a memória discursiva na qual se funda a própria infodemia, vemos que a noção a ela atribuída – de epidemia/doença – não se mostra suficientemente capaz de contemplar a multidimensionalidade que a própria infodemia possui. Ao mesmo tempo, ao deslocarmos o fenômeno do apelo à razão da ciência presente na cultura ocidental e alocando a infodemia como um acontecimento discursivo, é que nos mostramos capazes de compreender os processos que centralizaram a Europa como o grande irradiador cultural moderno mobilizador de processos de exploração, silenciamentos e exclusão de povos não-europeus, tendo seus reflexos perpassados até os dias atuais e refletidos no próprio comunicar da humanidade.

Os atuais olhares para a infodemia têm se fundado numa memória discursiva que toma a circulação de informações e de produção de conhecimentos na modernidade por um viés euro/ocidentocêntrico. Mobilizou-se, assim, a visão da imprensa de Gutenberg como propulsora positiva/positivista de informações no contexto da modernidade, nas quais teria se organizado na emersão da sobrecarga de informações na ciência e que, nos tempos atuais, seria compreendida como infodemia. Tratou-se, sobremaneira, de uma construção de discursos fundados para o fortalecimento de identidades nacionais modernas. Entendemos, portanto, que a imprensa moderna não era o mote central da circulação do conhecimento, mas era o meio, senão assertivo, conveniente, para o fortalecimento do ideário circulante naquilo que conceberia a formação identitária de dominação e exploração da Europa Moderna.

A partir destas provocações, sugerimos que trabalhos futuros que se proponham a alocar o papel da imprensa no contexto histórico-discursivo da infodemia possam considerar a memória discursiva sobre a qual a localiza como via democrática da modernidade para o acesso à informação e circulação de conhecimentos. Do mesmo modo, sugerimos que novas pesquisas repensem a noção pela qual se estabelece o sentido de epidemia à infodemia para que o fenômeno não esteja reduzido às afetações do corpo ou à reducionismo biologicistas capazes de envolver e tornar o debate científico para o acesso, a busca, a circulação e a qualidade de informações em cenários infodêmicos de exclusão e desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Título original: *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. ISBN 978-85-359-1188-6.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga. Práticas informacionais em ambientes de infodemias: reflexões para o estudo de patologias informacionais. *In: Liinc em Revista*, [S.l.], v. 17, n.1, mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1861/liinc.v17i1.5700>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5700>. Acesso em 8 jun. 2023.
- BLACKBURN, Robin. *In: Racism: A History - The Color of Money*. Produção Executiva: David Okuefuna. Apresentação: Sophie Okonedo. Reino Unido: BBC Four, 2007.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento I**: de Gutenberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Título original: *A Social History of Knowledge (From Gutenberg to Diderot)*. ISBN 978-85-7110-711-3.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra. *et al.* Genealogia do conceito de infodemia. *In: CAVALCANTE, R. B.; CASTRO, E. A. B. (org.). Infodemia: gênese, contextualizações e interfaces com a pandemia de covid-19*. Brasília, DF: Editora ABEn, 2022. *E-book* (152 p.). (Série enfermagem e pandemias, 7). ISBN 978-65-89112-10-5. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/infodemia-genese-contextualizacoes-interfaces-pandemia-covid-19/>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- COSTA, Luiz Carlos Pinto da. Redes de Aquilombamento contra a COVID-19: uma análise das estratégias de coletivos populares na Grande Recife. **Comunicação & Inovação**, [S.l.], v. 21, n. 47, 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7300. Acesso em: 10 abr. 2023.
- FREDRICKSON, George M. *In: Racism: A History - The Color of Money*. Produção Executiva: David Okuefuna. Apresentação: Sophie Okonedo. Reino Unido: BBC Four, 2007.
- GARCÍA-SAISÓ, Sebastián *et al.* Infodemia em tempos de COVID-19. *In: Pan American Journal of Public Health (PAJPH)*, Whashington D.C.: Pan American Sanitary Bureau, Pan American Health Organization (PAHO), Estados Unidos da América, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/54453>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- MILLS, Charles W. *In: Racism: A History - The Color of Money*. Produção Executiva: David Okuefuna. Apresentação: Sophie Okonedo. Reino Unido: BBC Four, 2007.

COSTA, Jussara Carneiro. Uma “DR” necessária: feminismos, universidade e descolonialidades das sexualidades dissidentes. *In: DUARTE, M. J. O. et al. Sexualidades & Serviço Social: perspectivas críticas, interseccionais e profissionais*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2023. *E-book* (318 p.). ISBN 978-65-89512-69-1.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Título Original: *L’Archéologie du Savoir*. ISBN 978-85-218-0344-7.

GARCÍA-SAISÓ, Sebastián *et al.* Infodemia em tempos de COVI-19. *In: Pan American Journal of Public Health (PAJPH)*, Washington D.C.: Pan American Sanitary Bureau, Pan American Health Organization (PAHO), Estados Unidos da América, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/54453>. Acesso em: 2 fev. 2023.

GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. Discurso. *In: Conferencia de Seguridad de Múnich, 2020, Munique*. Organização Mundial da Saúde (OMS), on-line, 14 fev. 2020. **Discursos del Director General de la OMS**, Munique: OMS. DOI: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.89>. Disponível em: <https://www.who.int/es/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>. Acesso em: 2 fev. 2023.

GUYATT, Nicholas. *In: Racism: A History - The Color of Money*. Produção Executiva: David Okuefuna. Apresentação: Sophie Okonedo. Reino Unido: BBC Four, 2007.

LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, [S.l.], v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. ISBN 978-85-7113-131-6.

MACHADO, Richardson Miranda. *et al.* História Social da Comunicação: o percurso da produção, armazenamento e difusão da informação. *In: CAVALCANTE, R. B.; CASTRO, E. A. B. (org.). Infodemia: gênese, contextualizações e interfaces com a pandemia de covid-19*. Brasília, DF: Editora ABEn, 2022. *E-book* (152 p.). (Série enfermagem e pandemias, 7). ISBN 978-65-89112-10-5. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/infodemia-genese-contextualizacoes-interfaces-pandemia-covid-19/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

NEIVA, Eduardo Michel Maciel. **Cura Gay: religião ou medicina – quem vos salvará? Uma análise do enunciado “cura gay” no discurso midiático à luz da Educomunicação**. Orientadora: Maira Fernandes Martins Nunes. 2016. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social: Educomunicação) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. **Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)**, on-line, [s.d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PÉREZ, Daniel Gil *et al.* Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/DyqhTY3fY5wKhzFw6jD6HFJ>. Acesso em: 9 fev. 2023.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen. **Systematic Reviews in the Social Science**. Blackwell: Malden, Massachusetts, 2006.

RAVETZ, J. **Scientific knowledge and its social problems**. Middlesex: Penguin University Books, 1973.

RIBEIRO, Duanne de Oliveira; FRANCELIN, Marivalde Moacir. O que a sobrecarga de informação produz: relações entre o fenômeno e alguns desenvolvimentos da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/189138>. Acesso em 9 fev. 2023.

SEGRILLO, Angelo. **Ásia e Europa em comparação histórica: o debate entre Eurocentrismo e Asiocentrismo na História Econômica Comparada de Ásia e Europa**. Curitiba: Editora Prismas, 2014. 307 p. (Coleção História Contemporânea). ISBN 978-85-60938-35-6.

SILVA, Paulo Robério Ferreira. O pensamento liminar e a epistemologia da subalternidade: vinculação entre decolonialidade e colonialidade/modernidade. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 39, p. 295-307, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/issue/view/110>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, [S.l.], v. 4, n. 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VELOSO, Maria do Socorro; ANDRADE, Alice Oliveira. Aquilombamento virtual midiático: uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras. **Alceu**, [S.l.], v. 21, n. 41, 2021. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/247>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Coleção Pensadores & Educação). ISBN 978-85-7526-105-7.

WALVIN, James. *In: Racism: A History - The Color of Money*. Produção Executiva: David Okuefuna. Apresentação: Sophie Okonedo. Reino Unido: BBC Four, 2007.

ZIELINSKY, C. Infodemics and infodemiology: a short history, a long future. *In: Rev. Panam. Salud Publica*, Washington, D.C, Estados Unidos, vol. 45, 12 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.40>. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/53850>. Acesso em 5 jan. 2023.

AGRADECIMENTOS

Em um esforço léxico trago aqui os nomes que marcaram minha trajetória acadêmica. São centelhas de afetos, sociabilidades e conhecimentos que iluminaram os caminhos que coroam a minha graduação em Jornalismo com este Trabalho de Conclusão de Curso. Pela minha natureza subversiva a qual congratulo por muitas conquistas pessoais, ousou subverter o rigor e a frieza dos tradicionais agradecimentos acadêmicos para lembrar muitas vozes das quais ecoaram até mim os seus saberes.

Agradeço à minha mãe, Elza Gomes, que me ensinou, dentro das suas possibilidades, os caminhos para a vida adulta; ao meu querido amigo Pedro, o *petrix*, por abrandar minhas tempestades; ao Leo, pelos episódios de conversa, preocupação e respeito; à Lusi Farias, que desnudou minhas tantas camadas e confidências; ao Dudivis e à (nossa, viu?) vó Francisca e tio Edvan (*in memorian*), que compartilharam comigo devaneios, almoços e sorrisos *à moda da casa*; Ao Célo que – com tanto carinho – me fez suportar as dores do viver; ao amigo Janilson, o qual sou grato pela força irrestritamente dada a mim; à Aninha, responsável por ser a luz dos meus olhos nos momentos em que a eles fugia o brilho; à Jessica e Gabi, forças gentis que me acompanham em vida; ao Rapha, e sua amizade *a la mexicana*; à Amanda, Emilly e ao amigo Bealal, pelos grandes encontros que minhas viagens puderam fornecer.

Faço meus agradecimentos à Élida, pelos *aperreios* que passamos e superamos juntos; ao Wilton, por cada uma de suas *provocações*; à Barbara, por seguir comigo nos caminhos aleatórios da vida; ao André e ao Victor, pelas palavras sempre tão carinhosas; ao *hermano* Renato, o qual sua trajetória me inspira a seguir adiante; ao Mislán, pela amizade que transpôs as dobradiças e ruídos do tempo; à Jó pelo suporte e zelo; à Tais, pelas incontroláveis gargalhadas; ao Saulito, pelo cuidado do gigante sempre gentil; ao Rada, pelo contínuo aprendizado do amigo-professor; ao Will, pelo companheirismo na tormenta; à Leidiane, pela sabedoria e força desde os tempos de escola; ao Rick, pelo carinho pernambucano; ao Thiago, pelos papos de capixaba; à Pri, por estar comigo mesmo quando a distância se fez presente.

Agradeço a todos aqueles que pude construir laços de amizade ao longo da graduação, em especial Bruna e Ana Luísa, amigas e parceiras de trabalho que tornaram realidade nossos projetos; à Ivana, exemplo de ética e dedicação profissional; à Joedna, pela atenção e respeito; ao Felipe José, por segurar firme todos os nossos *corres*; ao Magno, pelas trocas nostálgicas; aos queridos Abdon, Maylda, Solange, Renato, Vitória e Angel que trouxeram contribuições significativas à minha formação; à Kelly e Suênia, grandes parceiras de pesquisa; aos amigos e colegas do Campina Cultural, programa de extensão que tive o prazer de idealizar ao lado de muitas mãos.

Agradeço a duas grandes intelectuais que tive a honra de ter como orientadora nesta e em outras pesquisas. São elas a Ada Guedes, que me forjou pelos caminhos éticos e me fez capaz de resistir à oxidação do corpo frente ao contínuo *renascer das cinzas*; a Jussara Costa, que me ensinou a romper com as fronteiras do sensível para um fazer científico único. Agradeço ao professor Rafael Melo por aceitar compor a banca de defesa deste trabalho. Também estendo meus agradecimentos ao corpo técnico e docente do Departamento de Comunicação Social (DECOM/UEPB) que contribuiu fortemente para o sucesso de minha jornada acadêmica. Sintam-se abraçados!